

LESBIANISMO: UMA REALIDADE INVISÍVEL?

Eduarda Ferreira epcferreira@gmail.com	Maria João Silva silvamariaj@yahoo.com
---	---

ABSTRACT

Apresenta-se uma reflexão sobre a (in)visibilidade lésbica, tendo como base a análise de actividades desenvolvidas no âmbito da Associação Clube Safo, do blog Sexualidades no Feminino e do Grupo de Discussão sobre Questões Lésbicas – LES. Serão equacionadas diversas dimensões do problema abordado, nomeadamente as seguintes: – a diversidade das representações do conceito de lesbianismo; – a relação entre as (in)visibilidades e as discriminações nas diferentes áreas da vida das mulheres; – a relação entre as diferentes formas de viver a (in)visibilidade e a participação nas actividades associativas; – a relação entre as (in)visibilidades e as lutas pelos direitos das lésbicas.

INTRODUÇÃO

Apresentamos, na presente comunicação, uma reflexão sobre a visibilidade e a invisibilidade das lésbicas em Portugal e, conseqüentemente, das diferentes dimensões do lesbianismo. Esta reflexão baseia-se na análise de um conjunto de actividades centradas no tema “defesa dos direitos das lésbicas” e desenvolvidas em contextos associativos e de reflexão participada, nomeadamente na Associação Clube Safo (Associação Clube Safo, 2008), no blog Sexualidades no Feminino (Sexualidades no Feminino, 2008) e no Grupo de Discussão sobre Questões Lésbicas – LES (LES, 2008).

A Associação Clube Safo enquadró diferentes actividades que informam este texto, incluindo o Fórum “Visibilidade Lésbica” (Fórum Visibilidade Lésbica, 2008) e os encontros do Grupo Local do Porto. No blog Sexualidades no Feminino podem encontrar-se os relatos de alguns destes encontros, assim como dos que foram desenvolvidos mais recentemente pelo LES. Realce-se que, enquanto no Grupo Local do Porto da Associação Clube Safo os encontros tinham como principal objectivo intervir no sentido de apoiar as pessoas no desenvolvimento de uma melhor qualidade de vida, partilhando informação e outros recursos que pudessem ser úteis para ultrapassar as dificuldades criadas pela

discriminação das lésbicas, o principal objectivo do LES é a reflexão, divulgação e publicação de opiniões, pesquisas e investigações sobre Questões Lésbicas, bem como o desenvolvimento de discussões temáticas.

Numa primeira parte deste texto, equacionamos uma diversidade de representações do conceito de lesbianismo, enquadrando a abordagem, que se apresenta na segunda secção, à relação entre as (in)visibilidades e as discriminações nas diferentes áreas da vida das mulheres. São, sequentemente, apresentadas algumas considerações sobre a relação entre as (in)visibilidades lésbicas e a participação nas actividades associativas relacionadas com as questões lésbicas, concluindo-se com uma reflexão as consequências para a luta pelos direitos das lésbicas.

DIVERSIDADE DAS REPRESENTAÇÕES DO CONCEITO DE LESBIANISMO

No desenvolvimento da presente reflexão, adoptámos a definição de orientação sexual utilizada pela Associação Americana de Psicologia, que define este conceito como uma continuada atracção emocional, romântica, sexual ou afectiva (APA, 2004). Segundo esta associação, a orientação sexual de cada pessoa pode representar-se como um ponto situado num contínuo entre a heterossexualidade exclusiva e a homossexualidade exclusiva e que inclui diversas formas de bissexualidade. A orientação homossexual feminina denomina-se lesbianismo. O conceito de orientação sexual distingue-se do conceito de comportamento sexual porque se refere a sentimentos e ao auto-conceito, podendo os indivíduos expressar, ou não, a sua orientação sexual nos seus comportamentos (APA, 2004).

Nas diferentes actividades desenvolvidas, foi possível constatar que mulheres com discursos muito semelhantes, no que se refere à descrição de vivências de atracções e relações amorosas, se podem identificar de forma diferente em relação à orientação sexual. É, por exemplo, frequente que mulheres que tenham tido, no passado, uma relação heterossexual, com casamento, e que, no presente, estejam a viver uma relação homossexual, tenham diferentes auto-conceitos relativamente à orientação sexual. Algumas consideram-se bissexuais, outras consideram-se lésbicas e outras recusam identificar-se com qualquer uma das categorias definidas para a orientação sexual.

Por outro lado, muitas mulheres que nunca viveram qualquer relacionamento físico amoroso, identificam-se como lésbicas. Perante a diversidade, a nossa posição tem sido a de aceitar e trabalhar com a auto-identificação de cada mulher.

Queremos, ainda, registar a constatação de que a identificação, ou não, de uma mulher como lésbica não tem uma relação linear com a visibilidade, ou invisibilidade, da pessoa e da relação. Considerem-se alguns exemplos. Algumas mulheres assumem, de forma visível, a sua relação homossexual e consideram-se bissexuais. Outras também se consideram bissexuais mas vivem a sua relação homossexual de forma invisível. Outras invisibilizam a sua relação amorosa homossexual e consideram-se lésbicas. Outras, ainda, consideram que, a relação homossexual que estão a viver é um caso pontual, que tem como causa o amor/atração que sentem por aquela, e apenas por aquela mulher, não se considerando por isso lésbicas. Nestes casos, a relação pode ser visível ou invisível.

(IN)VISIBILIDADES E AS DISCRIMINAÇÕES NAS DIFERENTES ÁREAS DA VIDA DAS MULHERES

Para melhor analisarmos esta diversidade de realidades vamos utilizar um modelo teórico de desenvolvimento da identidade homossexual, que nos poderá ajudar a sistematizar os vários factos observados. Um dos conceitos centrais destes modelos é o de identidade homossexual, entendida como o resultado de um processo de desenvolvimento de uma identidade diferente da heterossexual. Este processo de desenvolvimento/construção foi abordado por vários autores, nomeadamente por Vivienne Cass, Richard R. Troiden, Eli Coleman, e Sonia Soriano Rubio, entre outros.

Uma expressão utilizada para denominar este processo é a de “Sair do armário” (equivalente à expressão inglesa *coming out*) que “... envolve um processo complexo de transformações intra e inter pessoais, que muitas vezes se iniciam na adolescência e se estendem pela vida adulta, e que originam, acompanham e seguem os acontecimentos associados com o reconhecimento da orientação sexual do próprio”. (Hanley-Hackenbruck, 1989, citado por Davies, 2003, tradução da responsabilidade das autoras).

Uma das limitações dos modelos centrados na identidade homossexual, ou heterossexual, é considerarem que as pessoas são homossexuais ou heterossexuais, transcrevendo para uma dimensão linear a diversidade multidimensional da expressão da sexualidade humana. Por outro lado, alguns aspectos importantes não são analisados,

como, por exemplo, a fluidez relacionada com a diversidade de atracções e comportamentos sexuais ao longo da vida. No entanto, consideramos que, apesar das limitações apontadas, o modelo de desenvolvimento da identidade homossexual permite-nos fazer uma leitura produtiva dos registos obtidos nas várias actividades realizadas sobre a visibilidade lésbica.

Vamos utilizar a leitura feita por Dominic Davies (2003) do modelo da psicóloga australiana Vivienne Cass, que apresenta seis estádios de desenvolvimento da identidade sexual, com descrição detalhada das suas características específicas. É de realçar o facto de este processo não ser um contínuo progressivo linear e poderem existir movimentações em várias direcções, numa dinâmica definida pelo contexto específico de cada pessoa. Na descrição deste modelo vamos procurar ilustrar os estádios com os registos recolhidos no Fórum “Visibilidade lésbica” (Fórum Visibilidade Lésbica, 2008).

Vamos referir especificamente as lésbicas, embora o modelo se refira às mulheres e homens homossexuais. Mas, consideramos que no âmbito desta comunicação e tendo em conta o trabalho por nós realizado, esta é a abordagem mais adequada.

Salientamos que este modelo, na nossa interpretação, não pode ser visto como uma série de estádios progressivamente mais desejáveis. Representam formas possíveis de arranjos interiores na forma de lidar com a (in)visibilidade do lesbianismo, acontecendo frequentemente que, num determinado momento, a mesma pessoa pode ter comportamentos, atitudes e sentimentos que não se enquadram apenas num estádio.

Os seis estádios, propostos por Cass, relativos ao desenvolvimento da identidade são: confusão, comparação, tolerância, aceitação, orgulho e síntese.

Confusão de identidade: A confusão de identidade só acontece se existir algum comportamento, desejo ou representação mental que seja percebido como diferente da norma social heterossexual. Este estádio pode originar várias reacções, como por exemplo: curiosidade e pesquisa de mais informação sobre esta realidade; sentimento de desconforto e evitamento de comportamentos que possam ser entendidos como lésbicos; atitude negativa relativamente ao lesbianismo; assumir uma postura de assexualidade; envolver-se em comportamentos heterossexuais.

Outra forma possível de lidar com este estádio é enquadrar o relacionamento com pessoas do mesmo sexo num contexto meramente afectivo: assumir fortes sentimentos emocionais, mas rejeitar qualquer componente conotada como sexual na relação.

Comparação de identidade: a tarefa neste estágio é resolver a questão “quem sou eu?” e lidar com a hipótese de se ter uma identidade lésbica. Pode ser gerado um sentimento de alienação e isolamento relativamente à sociedade. Lidar com esta realidade implica questionar referenciais, abdicar de algumas estruturas sociais e reestruturar possíveis projectos de vida. Por exemplo, o casamento não será uma opção, uma vez que ainda não está previsto na legislação de muitos países, nomeadamente em Portugal.

A política e a sociedade nada podem nesta solidão. Onde só em frente do ecrã do computador consigo sentir k não sou a única "anormal" neste país.

olá a todas. gostaria e preciso de conversar. ter novas amizades. Assumi-me há cerca de um ano, tive uma relação c uma mulher, ainda tentámos viver juntas alguns meses mas... e desde então senti na pele a discriminação, a humilhação, a rejeição ! principalmente da família. estou praticamente só, sinto me só. mas sinto me eu mesma ! só tive um homem, com quem fui casada, mais de "fachada", enfim ! na altura fui covarde, mas no meio onde vivo ...

Segundo Cass, existem quatro formas possíveis de lidar com este sentimento de isolamento:

1. .Gostar da sensação de ser diferente (as mulheres que se sentem bem com a adopção de uma identidade lésbica normalmente têm algumas das seguintes características: sempre se sentiram diferente dos outros a vários níveis e assumir um rótulo de diferença não é disruptivo em termos da sua identidade; não se enquadram no estereótipo de género; acham que é excitante e fora do comum “ser diferente” e a orientação sexual é mais uma forma de afirmar essa diferença). Embora estas mulheres possam dizer “não me importo com o que os outros pensam” normalmente têm uma postura de invisibilidade. Apresentam uma imagem exterior de heterossexualidade, que naturalmente as protege de sentirem os impactos negativos de serem percepcionadas como lésbicas. Esta postura é relativamente “fácil” de manter, sendo suficiente continuar a adoptar os antigos padrões de comportamento. No entanto, existem algumas estratégias que têm de ser utilizadas para manter a situação controlada:
 - evitar situações potencialmente ameaçadoras (por exemplo, as tradicionais festas de família, como o Natal, onde é suposto o nosso acompanhante - se levamos companhia - ser do sexo oposto);

- controlar a informação pessoal (não falar, ou ter particular cuidado quando se fala, do que se fez no fim-de-semana ou nas férias, para não dar a conhecer o facto de termos uma companheira e não um companheiro);
- deliberadamente cultivar uma imagem de heterossexualidade ou assexualidade;
- distanciamento do tema (apresentar uma atitude de distanciamento das questões lésbicas e homossexuais);

Ao adoptar estas estratégias é possível encontrar algum equilíbrio, mas com custos associados significativos.

A primeira e mais importante visibilidade é a de nós connosco próprias. E a verdade é k às vezes me sinto presa entre dois mundos igualmente bonitos: aquele que construo com a mulher que amo, e que trago por dentro, e o mundo que os outros trazem por fora, e ostentam como sendo a tradição, o princípio, a regra, a orientação. De um lado a mulher que adoro. Do outro os pais que adoro. Como conjugar as coisas?... Eu não sei...

... continuar a esconder as mãos debaixo das mesas para nos podermos tocar, a trocar olhares quando o que queríamos era dizer “amo-te”, a correr disfarçadamente para a casa de banho para nos beijarmos, a ficar tristes quase depressivas quando os nossos pais compravam as prendas de natal para todas as noras e genros excepto para a nossa namorada com quem vivíamos há décadas, a tremer aterrorizadamente quando no nosso local de emprego alguém falava em “fufas”. Sei que estes exemplos são ainda reais para muitas de nós, ...

2. Aceitar o seu comportamento, desejo ou representações homossexuais, mas não aceitar a ideia de uma identidade homossexual. Algumas estratégias podem facilitar esta postura:

- Caso especial – só se considera homossexual naquela relação específica “eu amo pessoas, não o sexo delas; amo esta pessoa e por acaso é uma mulher”;
- Ambissexual – percebe-se como podendo ter relações tanto homo como heterossexuais, mesmo sem nunca ter tido uma relação

heterossexual, é suficiente a ideia de que todas as pessoas são potencialmente bissexuais;

- Identidade temporária – ser homossexual é uma fase;
- Inocência pessoal – esta estratégia pode ser assumida por alguém que tem uma atitude negativa perante a sua sexualidade: “nasci assim, não é minha culpa”, vêem-se como vítimas e desenvolvem uma identidade caracterizada pela auto-desvalorização.

3. Recrear/negar agir em função dos seus desejos, por ter uma representação negativa da homossexualidade. Normalmente esta situação está associada ao medo da rejeição por parte da família ou grupo de amigos. Neste caso a mulher pode procurar ajuda profissional para reduzir ou eliminar os seus comportamentos homossexuais.

Sim, nós temos que ter respeito por nós próprias, mas também temos que nos fazer respeitar. Acima de tudo o que conta é o nós nos sentirmos bem connosco próprias, mas como podemos sentir-nos totalmente em paz connosco se não podemos dizer às pessoas que nos rodeiam aquilo que somos, se já sabemos à partida que elas são contra. ... É tudo muito bonito, mas quando somos confrontados por alguém acerca da nossa orientação sexual, não dizemos logo que sim que somos homossexuais, nem que seja pelo instinto de protecção, porque não sabemos se não estamos a comprar uma "guerra" e o que nós queremos é paz.

Eu não saio do armário por medo. Medo real, irracional, ridículo, justificado, legítimo???? SENTIDO!!! ...

A minha posição é a de que não é fácil a visibilidade, o medo existe e tem que ser respeitado. O medo foi-nos transmitido pela sociedade homofóbica e não é igual para todos confrontar esse medo... Que atire a primeira pedra quem nunca sentiu esse medo...

4. Encarar qualquer tipo de desejo, representação ou comportamento lésbico como indesejável e negativo. A homossexualidade é considerada como algo profundamente errado e condenável. Esta forma de lidar com a situação é a mais grave do ponto de vista da saúde mental da mulher, podendo ter consequências graves para a auto-estima e conduzir a um profundo estado depressivo.

Tolerância de identidade: este é um estágio em que a mulher pode afirmar “provavelmente sou lésbica” e em que procura ter contacto com outras lésbicas e homossexuais para compensar o sentimento de alienação/isolamento. É habitual existir uma procura de locais e actividades onde só estejam lésbicas. A frequência de espaços securizantes pode ajudar a lidar com a identidade lésbica de forma mais positiva e, dar o apoio necessário às mulheres para conseguirem falar abertamente da sua orientação sexual na família, amigos ou trabalho. A Associação Clube Safo teve como um dos seus principais objectivos proporcionar este tipo de actividades.

... vivo numa pequena cidade a 40 km d lisboa, como sou tambem um pouco tímida, não sei onde haverá locais onde se possa conviver com as minhas pares... tirando a capital. haverá alguém por aí ? beijos. fiquem bem.

Não acho que haja necessidade de visibilidade lésbica mas grupos de apoio à sua aceitação porque sei que há pessoas que não aceitam a sua homossexualidade porque a sociedade lhes bloqueia essa aceitação. A sociedade ainda condena muito a homossexualidade, o que obriga as pessoas a esconderem-se e a sofrerem. Por isso penso que os homossexuais se devam unir mais criando grupos de interacção e até apoio psicológico anónimo, de forma a ajudar muita gente que se sente só e sofre.

Aceitação da identidade: a nível privado, ou também a nível público, a identidade lésbica é encarada de forma positiva. Normalmente existe uma “exposição selectiva”, só é assumida uma postura de visibilidade em determinados contextos. É evitada a visibilidade perante pessoas que podem perturbar o equilíbrio obtido, por exemplo a família ou os colegas de trabalho. Podem tomar-se decisões de vida de forma a proteger esta forma semi-visível de aceitação do lesbianismo: tipo de emprego que se aceita, local onde se vive, etc.

Eu já não me escondo de tudo nem de todos, mas ainda estou longe de me sentir plenamente "assumida" e tenho consciência da dureza do caminho que me espera, que nos espera a tod@s...

Não tem 1 mês, que eu não tinha visibilidade nenhuma.

Olhar-me ao espelho não era suficiente para compreender o que andei anos a reprimir, mas está claro para mim, vai sendo claro para os que me rodeiam, não me escondo, mas receio ser magoada, é legítimo... Agradeço às que, lembram à

sociedade que existo. No momento vou travando lutas no meu meio familiar. Não sou heroína.

Orgulho de identidade: é o estágio de total visibilidade e de assumir que o que está errado é o heterossexismo. Normalmente este estágio está associado a uma postura de activismo social e político. A visão da sociedade fica dividida entre homossexuais e heterossexuais, “nós e eles”. Existe algum sentimento de revolta contra a sociedade heterossexista.

A vida diária sem vergonhas, sem preconceitos, mostra a toda uma sociedade que somos humanos. Vivo numa vila alentejana, onde muitas pessoas a abandonaram por não terem tido coragem de se assumir neste meio e o mais engraçado era sentirem vergonha daquilo que eram e que são. Apesar de inicialmente ter sido difícil sair do armário, principalmente por ter filhos, actualmente sinto respeito e por ter tido coragem de ser eu própria.

Na minha opinião, a visibilidade lgbt (não apenas lésbica, embora esse seja o tópico que nos diz directamente respeito) é mais que necessária: é urgente e imprescindível. Porque a sociedade portuguesa (tal como outras)precisa de ter plena consciência de que cada pessoa tem a sua orientação sexual, não melhor nem pior, apenas a sua. Porque continuamos a pactuar com o "faz de conta" e os "segredos de família"? Quantas famílias sabem "vagamente" que um dos seus elementos é lésbica, gay,... e fazem disso um tabu, algo que todos sabem mas de que nunca se fala? Quantos colegas de trabalho? Quantos vizinhos? para mim isto só tem um nome: HIPOCRISIA.

O resultado prático desta hipocrisia é a uma vida muito pouco saudável. São laços de família que se perdem, são pessoas que se afastam da família e todos sofrem com isto. São pessoas que não ousam... e vivem angustiados e deprimidos uma vida inteira, infelizes e tornando infelizes aqueles que os rodeiam, são pessoas amargas, de mal com a vida...

Depois há os que vivem na mentira uma vida inteira: as "amigas" que vivem juntas mas vão separadas aos eventos familiares, os filhos que chamam "madrinha" à companheira da mãe e interiorizam também que ser lésbica é algo vergonhoso, que se tem de esconder... enfim, são as histórias que todos conhecemos mas de que não falamos nos jantares de família, nem nas reuniões de amigos...

DIFERENTES FORMAS DE VIVER A (IN)VISIBILIDADE E A PARTICIPAÇÃO NAS ACTIVIDADES ASSOCIATIVAS

Como dissemos anteriormente, temos constatado, nas actividades associativas desenvolvidas, a diversidade de representações do conceito de lesbianismo, nomeadamente na dimensão da auto-identificação. Do mesmo modo, constatámos a diversidade de formas de viver a (in)visibilidade do lesbianismo, das relações lésbicas e da participação nas actividades da Associação Clube Safo.

A grande maioria das mulheres que participaram regularmente nas actividades do Grupo Local do Porto da Associação Clube Safo, de 2005 a 2007, identificava-se como lésbicas. Simultaneamente, a maioria destas vivia a sua orientação sexual e as suas relações amorosas de uma forma invisível e com algum receio das consequências negativas que a visibilidade traria para a sua qualidade de vida, principalmente no trabalho e na família. Por esta razão, muitas destas mulheres não participavam nas actividades de carácter mais público da referida Associação.

Durante muito tempo, a participação em actividades associativas como as desenvolvidas pelo Clube Safo, desde 1996, foi a única forma de acesso destas mulheres a um ambiente “seguro” onde era possível conhecer outras lésbicas, partilhar experiências, receios e projectos. A principal motivação para muitas mulheres participarem nas actividades do Clube Safo foi a quebra do isolamento, inerente à invisibilidade, e não o desejo de participação na luta pelos direitos das lésbicas. Claro que, em alguns, menos numerosos, casos, estas duas motivações co-existiram.

Actualmente, existem outras formas para a quebra do isolamento, sem a quebra da invisibilidade. Por um lado, surgiram empresas que organizam grandes eventos de lazer, principalmente festas, especificamente dirigidos a lésbicas. Por outro, o desenvolvimento de meios e serviços de comunicação, como o email e as mensagens SMS, facilitou a auto-organização de grupos de encontro e de actividades de lazer. Nos últimos dois anos, foi possível observar o crescimento destes processos e a elevada participação nos mesmos.

Apenas uma pequena minoria das mulheres que participaram nas actividades do Grupo Local do Porto da Associação Clube Safo podia fazer parte da interface com o exterior da Associação, exactamente porque só uma minoria assume a visibilidade da luta pelos direitos das lésbicas. São ainda poucas as mulheres que encaram a defesa dos direitos das lésbicas como uma acção que não define necessariamente o seu agente. Ou

seja, se uma mulher defende os direitos das lésbicas, é lésbica. Numa tentativa de interpretação, podemos referir que esta é mais uma das consequências da, ainda, pequena dimensão da luta pelo direito das lésbicas, conduzindo a um ciclo, de alguma forma, “viciado”.

A minoria de lésbicas “visíveis” que referimos nesta comunicação pode estar relacionada com a maior discriminação das mulheres, principalmente em determinadas gerações. Em associações de jovens, como Rede ex-aequo (Rede ex-aequo, 2008), a visibilidade parece ser mais frequente e mais visíveis parecem também ser os homens homossexuais. Trata-se de uma questão que nos parece merecedora de futura investigação.

(IN)VISIBILIDADES E AS LUTAS PELOS DIREITOS DAS LÉSBICAS

Relativamente à discriminação em função da orientação sexual importa salientar, aqui, alguns aspectos particulares. Fazem-se algumas comparações, na análise sociológica, entre o movimento de defesa dos direitos LGBT e outros movimentos de defesa de direitos como, por exemplo, os movimentos de luta contra o sexismo e o racismo. Mas existe uma diferença fundamental à partida. O sexo e a cor da pele, na maioria dos casos, não apresentam como alternativa a possibilidade de se esconder, não têm de ser assumidos, isto é, não existe opção entre a visibilidade e a invisibilidade.

Visibilidade devemos ter todos os dias. No trabalho, no autocarro, na família, vizinhos, etc. Porque é importante que as pessoas se lembrem que existimos, todos os dias, em todos os lugares e em todas as classes sociais.

Quando o fazemos sozinhas, por vezes sentimos falta de energia, sentimos que remamos contra a maré. Se o fizermos todas juntas, sentimos que somos muitas e que, todas juntas, faremos a diferença.

No caso específico da orientação sexual, a discriminação acontece contra aquela ou aquele que “parecem” ter, ou têm, comportamentos visivelmente homossexuais. Não é a prática, é o mostrar, é a visibilidade que provoca reacções e suscita a discriminação. O que está em causa é o afrontar a ordem estabelecida e as normas implícitas da nossa sociedade. Podemos manter invisível o comportamento, não demonstrar publicamente afectos, e não seremos alvo de discriminação directa. No entanto, a discriminação está

sempre presente pela pressão social que leva à necessidade de invisibilidade como forma de protecção e, por vezes, até, de sobrevivência social.

Esta questão tem particular relevância na análise da luta pelos direitos das lésbicas.

Sem visibilidade o movimento LGBT não existe...

Sem visibilidade arriscamo-nos a ser como as toupeiras que podem escavar túneis muito eficazes, que não podem ser rentabilizados porque não são conhecidos. O movimento só avança quando percebermos que todos os contributos são fundamentais e que o continuum desde a invisibilidade até à visibilidade total, em que cada um de nós se situa, será tão mais dinâmico quanto cada um for capaz de olhar com respeito e vontade de aprender com o ser humano que está mesmo ao seu lado, quer esteja a esconder-se cheio de medo ou repleto de plumas a dançar na marcha ao som do "I Will survive"!!!

Só podemos intervir política e socialmente pela conquista dos direitos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros) se assumirmos uma postura de visibilidade política. A visibilidade política não é assumir uma identidade lésbica, é assumir uma postura de intervenção cívica e, através do exercício da cidadania, lutar pela conquista de direitos.

Assumir uma postura de visibilidade lésbica política é assumir uma postura de intervenção social e política contra todas as formas de discriminação em função da orientação sexual. É não aceitar que um único aspecto da múltipla diversidade que define qualquer ser humano, se torne a característica central e mais importante na sua definição enquanto pessoa. É rejeitar o peso que o heterossexismo e sistema social dão às expressões da sexualidade que não cumprem com a norma vigente, é exigir o direito a sermos inteiras em todos os momentos. É reclamar e lutar pelos direitos LGBT como sendo direitos humanos fundamentais.

REFERÊNCIAS:

- American Psychological Association. (2004). *Sexual Orientation and Homosexuality*. Available at < <http://www.apahelpcenter.org/articles/pdf.php?id=31>>. Last access: May 2008.
- Associação Clube Safo. (2008). <<http://www.clubesafo.com>>.
- Davies D. (2003[1996]). Working with people coming out. In Davies D. e Neal C. (Eds.), *Pink therapy – A guide for counsellors and therapists working with lesbian, gay and bisexual clients*. Philadelphia: Open University Press, pp 66-85.
- Ferreira, Eduarda (no prelo). *Activismo LGBT e visibilidade política*. In Actas do VIII Colóquio de Sociologia "Sexualidade: Dilemas e (In)definições". Braga: NECSUM - Universidade do Minho.
- Fórum Visibilidade Lésbica (2008). <<http://pub15.bravenet.com/guestbook/1219557432/>> acesso pelo site <www.clubesafo.com>.
- LES (2008). <<http://www.lespt.org>>.
- Moita, Gabriela (2001). *Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar.
- Rede ex-aequo (2008). <<http://ex-aequo.web.pt/>>.
- Sexualidades no Feminino (2008). <<http://sexualidadesnofeminino.blogspot.com/>>.